

REFLEXÕES SOBRE TEMPO E TEMPORALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Mayara Regina da Silva do Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/7297180203329092>

<https://orcid.org/0009-0008-3798-9146>

E-mail: mayregina2023@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4-07>

RESUMO: Este artigo bibliográfico aborda a importância do estudo do tempo como dimensão histórica e das relações humanas com as temporalidades no ensino de História. A complexidade de escrever sobre o tempo histórico exige uma análise ampla dos contextos históricos, considerando as diversas perspectivas e conceitos apresentados por autores fundamentais como Alfredo Bosi, Antoine Prost, François Hartog, Jörn Rusen, Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck. Tentaremos compreender como esses pensadores perceberam o tempo da história em seus próprios contextos e como a aceleração do tempo contemporâneo representa um desafio para a prática pedagógica, sendo assim um olhar atento as metodologias são essenciais para aprimorar a compreensão dos estudantes sobre as complexidades do tempo e das temporalidades no ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: História. Tempo. Temporalidade.

REFLECTIONS ON TIME AND TEMPORALITY IN HISTORY EDUCATION

ABSTRACT: This bibliographic article addresses the importance of studying time as a historical dimension and examining human relationships with temporalities within the context of history education. The complexity of writing about historical time requires a broad analysis of historical contexts, taking into account the diverse perspectives and concepts presented by key authors such as Alfredo Bosi, Antoine Prost, François Hartog, Jörn Rüsen, Paul Ricoeur, and Reinhart Koselleck. We aim to understand how these thinkers perceived historical time within their own contexts and how the acceleration of contemporary time poses a challenge to pedagogical practice; thus, a careful examination of methodologies is essential to enhancing students' understanding of the complexities of time and temporalities in history education.

KEYWORDS: History. Time. Temporality.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância de estudar o tempo como dimensão histórica e as relações dos seres humanos com as temporalidades para o ensino de História, uma vez que o sentido das relações se constrói no tempo. No entanto, escrever sobre o tempo da

história é muito mais complexo do que se pode imaginar; os desdobramentos desse estudo dependem de uma análise ampla dos contextos históricos.

Muitos autores apresentam diversas perspectivas e conceitos que colaboram para nossa compreensão, e alguns deles serão fundamentais nesta reflexão, onde o tempo pode ser entendido como uma dimensão contínua e imparcial, enquanto as temporalidades são subjetivas e variáveis.

Por meio da disciplina de Ensino de História e da questão das temporalidades, iremos integrar alguns autores e seus conceitos, como Alfredo Bosi, Antoine Prost, François Hartog, Jörn Rusen, Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck. Através de suas obras, buscaremos compreender como esses autores perceberam o tempo da história em seus próprios contextos e tentaremos entender como o novo formato de aceleração do tempo tem se tornado um desafio para o ensino de História.

Entender o ensino de História e as transformações desse ensino ao longo do tempo é um processo diacrônico. Essa reflexão nos permite refletir sobre os conceitos de tempo e as temporalidades e como aplicá-los no processo educacional no contexto historiográfico que exige um olhar atento do professor-historiador as novas metodologias ativas em sala de aula. Portanto, é importante analisar como passado, presente e futuro moldam nossas percepções e principalmente refletir sobre como essas noções podem ser aplicadas no ensino de História para aprimorar a compreensão dos estudantes.

VAMOS REFLETIR

Compreender a história em suas dimensões é a máxima de todos os historiadores e quando se discute tempo e temporalidade, sem dúvidas nos permite inúmeras reflexões que se complementam e até divergem entre as ínfimas possibilidades de análise, entre alguns conceitos temos as perspectivas de Alfred Bosi (1994) em “O tempo e os tempos” que diz que “datas são pontas de iceberg” o que nos faz pensar no filme Titanic (1997) que na narrativa cinematográfica afundou, pois projetou somente o que era possível visualizar, “os dez por cento”, assim como as datas nos remete aos acontecimentos históricos, consideramos a importância da cronologia nas narrativas históricas, mas como

complementos, marcos históricos, ou recorte historiográfico, na perspectiva histórica o que não contempla um todo de tudo, mas apenas uma pequena parte, tal qual as “pontas de iceberg”.

Para o autor “O tempo como uma dimensão fundamental da História, um contínuo no qual os eventos ocorrem”, então significa que esse tempo pode ser medido, por meio de ferramentas, calendários, relógios, para que seja atribuída uma lógica temporal, uma necessidade humana de contar, datar, ou seja dar sentido a sua própria existência. O que nos permite entender a função social historiadora em escrever a história do homem no tempo, uma forma simbólica de compreensão para o próprio presente.

Constituir a lógica de sentido temporal faz parte da relação do homem com a história, demarcar a história, contar, narrar, numerar para buscar uma sequência de fatos e acontecimentos num formato de periodização, faz parte do esquema de continuidade, rupturas e permanências, o que se pode ainda pontuar é que esse esquema representa uma forma de comparação entre presente, passado, então para o autor “o tempo não é apenas uma dimensão cronológica, mas também uma construção social e cultural”, o autor propõe que a história deve ser entendida em múltiplos tempos, onde o passado se relaciona com o presente e o futuro, influenciando as narrativas históricas.

“A história é semelhante a uma cavalcada”, a sobrevivência humana parte para um individualismo cego, pois essa luta pela sobrevivência demonstra uma perspectiva de medo, de um futuro de incertezas ou a certeza de um final, ao qual é a morte, sendo assim o final feliz proposto pelas narrativas e ou contos não existe, logo existe uma autodefesa no sentido do tempo histórico por mecanismos que segundo o autor é de “conservação, reprodução e destruição”, a ideia de uma finitude demanda de uma corrida, mas que ninguém quer passar da linha de chegada, na verdade se faz de tudo para alcançar uma estabilidade e desfrutar dela o máximo possível, um desejo de se manter na linha de conservação Bosi (1994, p. 23).

Segundo o autor inaugurar uma história por meio das experiências vividas, visto que a morte é a certeza do fim, faz com que experimentar a vida seja uma forma de fugir da realidade de incertezas, é propor uma configuração de tomada de ações determinando o próprio destino, o desejo pelo novo, pela construção do felizes para sempre enquanto

durar, essa fuga da realidade, essa corrida ou “cavalcada” a cerca de uma busca constante do imprevisível e incerto, se tornou uma necessidade humana.

Buscar satisfação e superação se torna uma forma de lutar contra a sensação das verdades duras e amargas, que por meio das representações se acelera, num ritmo brutal, que para escapar do tédio cotidiano, da insatisfação pressupõe a razão do consumo exagerado de mercadorias, o capitalismo selvagem, a acumulação desnecessária, pela falsa sensação de possuir pelo desejo, sentimentos e comportamentos explicados pela psicologia que explora as fragilidades humanas pela busca do prazer e a fuga da dor numa perspectiva do tempo histórico contemporâneo.

Segundo Bosi (1994) “A história é uma interpretação do tempo vivido, nessa perspectiva as datas como algo simbólico da memória”, o ser humano e sua necessidade incontrolável de controlar o tempo, o quanto é memorável, a data do nascimento e todos os mês-versário, e além de datar eternizar cada momento, onde tudo é importante guardar, até mais do que realmente viver.

Porém, o medo da finitude sugere uma diferença entre ciclos, o que vale para meia idade, que tenta esconder e ou parar de contar, envelhecer na perspectiva do tempo não é bom, então as velas do bolo são apenas pontos de interrogação, onde existe um limite na comemoração, as datas deixam de ser tão importantes, há um foco nas experiências de vida e realizações pessoais, de pontas de icebergs a algo mais profundo, sinalizam o início mais nunca o fim.

Nessa perspectiva refletir que apesar da certeza da finitude humana, ninguém se prepara para o que está por vir, o futuro é lugar da insegurança e da incerteza, com isso surge a necessidade de se preservar o que já foi, pois se o passado faz tantas referências aos mortos para afirmar a sua importância, é como se eles ainda estivessem aqui, por sua memória, por sua história, garantindo uma permanência, seria uma forma de vencer a morte!

Pois há de convir que muitos ganham mais destaque quando morrem do que quando estão vivos, uma espécie de análise de seus feitos e contribuições históricas que será perpetuado de geração em geração por meio da memória, “onde a memória vive do tempo que passou e dialeticamente o supera” Bosi (1994).

Antoine Prost (2008) em “Os tempos da história”, faz uma definição do “tempo como o principal autor da história”, onde a perspectiva está no presente em relação ao passado, um processo histórico de causa e efeito, sendo assim para o autor “a história faz-se a partir do tempo, um tempo complexo, construído e multifacetado”, onde a história constrói o tempo de forma simultânea, não linear de fatos e acontecimentos isolados.

Para o autor as datas são apenas uma definição e não é absoluta, a história não é linear e as experiências individuais e coletivas moldam a percepção do tempo. Então a definição de tempo é totalmente social e não apenas cronológica, sendo o tempo uma referência comum a um grupo e as referências temporais referente a uma sociedade.

Ou seja, se o tempo é determinado por como as sociedades sentem e percebem um dado acontecimento, então a percepção do tempo está relacionada a consciência histórica dos indivíduos e os sentidos de experiências e ações que integram sua vida em sociedade, uma questão mais individualista apesar do sentido amplo da coletividade.

Para Prost (2008) o tempo tem uma função essencial de dar sentido, criar uma ordem relacional de fatos e acontecimentos, o nascimento de Cristo é o acontecimento fundador que o unifica, permitindo um antes e um depois, o marco central da história das sociedades cristã, “abandono de uma cultura secular, inclusive na China e no Japão, o que consiste em uma história universal que a partir do sec. III”, o que integrou o calendário romano e judeu na perspectiva de uma ciência de contagem das datas.

Em um contexto cristão o tempo dos homens era o tempo de Deus até o renascimento o desfecho do mundo era o fim do mundo tendo como expectativa o retorno de Deus como o senhor do tempo, ou seja, um tempo cíclico, onde a bíblia se torna um livro sagrado, modelo de orientação dos dogmas e leis da instituição Romana, que por sua vez controlava o tempo numa perspectiva estacionária, poucas mudanças, onde segundo o autor “não há nada de novo debaixo do sol”.

A idade média na segunda metade do sec. XV como o “buraco negro” ou seja, um período marcado por um retrocesso em relação ao conhecimento e à cultura, onde a fé primitiva predominava, uma visão de mundo limitada, que obscureceu o desenvolvimento do pensamento crítico, com o advento do século XVI, começa surgir novas perspectivas sobre o tempo e o “progresso”, que passaram a ser vistas não como um ciclo repetitivo,

mas como uma “espiral ascendente”, nos séculos XVII e XVIII, essa nova visão de temporalidade se solidificou, o tempo deixou de ser visto apenas como um ciclo natural e passou a ser considerado uma linha progressiva, onde eventos históricos e descobertas científicas contribuíam para um futuro melhor.

A Revolução Francesa (1789) desencadeou uma aceleração no tempo com isso essa nova percepção do tempo, não apenas desafiou as estruturas sociais e políticas existentes, mas também simbolizou a possibilidade de mudança radical na sociedade. (Prost, 2008, p. 101).

A percepção de progresso está relacionada a uma concepção diacrônica das revoluções, não apenas com a revolução Francesa, mais todo processo revolucionário, onde o homem percebeu a si mesmo como formulador da sua própria história, tanto individualmente como na coletividade de suas ações, nas lutas pela força, como na busca por conhecimento, vencendo a inercia e o conformismo catastrófico de sua realidade, reconhecendo-se como autor da sua própria vida, mesmo subjugado pelo sistema opressor de cada época, sim os tempos mudam mas a crueldade humana se aprimora, uma busca de transformação e mudanças de sua condição humana, ou seja em busca de um futuro melhor o “progresso”, “um tempo ascendente, criador de novidades e surpresas” (Prost, 2008, p. 103).

Segundo Prost (2008), os marcos da temporalidade moderna sugerem uma história que se distingue do passado, pois “o presente é diferente e melhor”. Essa perspectiva pode ser interpretada como uma tentativa de esquecer um passado doloroso e de reescrever a narrativa histórica.

Nesse contexto, o tempo moderno é visto como um produto da história; no entanto, na representação social e na construção realizada pelos historiadores, “o tempo se tornou fator de novidade, criador de surpresas; ele é dotado de movimento e tem um sentido”, dessa forma surge “o prognóstico que avança do presente para o futuro e se apoia no diagnóstico respaldado no passado para augurar possíveis evoluções e avaliar suas probabilidades respectivas” (Prost 2008, p. 104).

Apesar do caráter matemático dessa ideia, a objetivação por parte do historiador pode ser desafiadora, uma vez que as possibilidades se configuram como probabilidades.

Portanto, é essencial que o historiador utilize metodologias rigorosas para integrar dados históricos e suas interpretações pois, existem riscos em projetar o futuro, “viver de futuro é se perder na própria realidade” do presente, uma existência virtual de infinitas probabilidades, a vida como se fosse um jogo, mas não tem como voltar no tempo, e nem vida extra, o tempo vai passando cada vez mais acelerado e mais instantâneo, o que contrapõe a memória a exemplo da história que se serve de um tempo já decorrido ou seja é necessário historicizar a memória construir uma estrutura temporal, espaçada e manipulável, fazer história é construir um objeto científico.

De acordo com Prost (2008, p. 107) “a periodização identifica continuidades e rupturas que abre caminho para interpretação torna a história não propriamente inteligível”, mas pelo menos suscetível de ser pensada, portanto “a história não pode evitar a periodização, pois o período assume o aspecto de uma moldura arbitrária e restritiva”.

Sendo assim o pesquisador não reconstrói a totalidade do tempo é apenas um facilitador pelo recorte periódico, fica como função do historiador, classificar acontecimentos na ordem do tempo sendo a ordem cronológica flexibilizada, detalhada e interpretada dentro de uma coerência, ou seja, um recorte histórico, assim a história então se constitui como a ciência dos homens no tempo.

Ao analisar François Hartog (2003), que propõe o conceito de "tempo desorientado", referindo-se à uma “crise da historicidade contemporânea”, onde as referências temporais tradicionais se tornam insuficientes para entender a complexidade do presente.

Ele argumenta que essa desorientação resulta em uma perda de sentido em relação ao futuro, levando à necessidade de novas formas de narrar a história que considerem as incertezas atuais, ou seja o autor critica a história pela longa duração como superficial e estagnante, com a queda do muro de Berlim em 1989, surgiram novas relações com o tempo, onde a memória é seletiva e se apaga rápido e então considerando “o progresso” o presente se tornou categoria da nossa compreensão sobre nós mesmos.

Numa mesma perspectiva temos o conceito de regimes de historicidade, complexo e profundo, mas que no sentido mais moderno explica a historiografia por meio das

experiências no tempo que em retorno, modela nossos modos de dizer e viver nosso próprio tempo, ou seja, “quando o passado não mais ilumina o futuro” a partir disso temos o “Presentismo” que enfatiza o presente imediato, muitas vezes em detrimento do passado e do futuro. O que sugere o presente como categoria preponderante.

O passado na percepção da história magistra, que tinha a função de esclarecer o presente, se desfez com a revolução Francesa, ao contrário cabe agora ao presente esclarecer o passado, então considerar que o passado deve ser analisado como inspiração e não solução ou como exemplo a ser seguido, e entender a crítica de Hartog (2003).

O autor propõe que “a memória é simbólica e objeto de ruína”, a memória não existe é superficial, vinculada a uma necessidade humana de construir identidade uma construção política, para uma necessidade de pertencimento, sendo assim os processos históricos não podem ser definidos apenas pelos lugares de memória, pois “a história não pode ser escrita de um ponto de vista do passado e nem do futuro que diminui a imprevisibilidade do por vir”, um futuro alarmista ou por falta de perspectiva, então no presente está a possibilidade de ação de mudanças e transformações, sendo assim “o presente é um fim em si mesmo” e o historiador é responsável somente pela passagem dentro do círculo do presente.

Jorn Rusen (2010) na obra em “Como dar sentido ao passado” aborda questões da meta-história, enfatizando a importância da interpretação na construção do sentido histórico. O autor propõe três dimensões da aprendizagem histórica: “experiência, interpretação e orientação”, essas dimensões ajudam os estudantes a relacionar eventos passados com suas próprias vidas, promovendo uma compreensão mais profunda da história como um processo dinâmico, seria propor uma reflexão teórica sobre a própria prática da história, um campo de como a história é escrita, interpretada e compreendida.

Analisar as narrativas por meio da produção do conhecimento onde seja atribuído sentido ao passado tanto na individualidade quanto no coletivo, analisando o que é relevante usando critérios de verdade para o que deve ser incluído do presente, assim obtemos um modo de pensar a história deve ter sentido prático pela experiência e narrativas, história como orientação para planejar o futuro, um futuro de expectativa, onde as relações culturais são fatores principais, e a história como ciência e arte por meio das

representações, em suas contribuições partimos de uma referência onde pensar e refletir a história, “É a investigação dos fundamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos da historiografia” é tornar a vida humana mais compreensível.

De acordo com Rusen (2010) o conceito de tempo é elemento central e a temporalidade é como os seres humanos interpretam e dão sentido ao tempo no contexto histórico, notoriamente “a noção de temporalidade é unívoca a consciência histórica dos indivíduos”, sendo assim é o que orienta a vida social no individual ou coletivo, podemos citar os comportamentos e as relações em seu sentido de troca de experiências ou seja não há como pensar os seres humanos sem o tempo, conectar o passado, o presente e o futuro, em seus diferentes significados, o que sugere a memória como fundamental nesse processo pois, torna o passado significativo com isso a memória deve considerar a identidade.

As experiências traumáticas e os desafios interculturais então a memória cultural e o pensamento histórico influenciam as percepções do passado, um exemplo muito importante que vale analisar nessa perspectiva do autor é o Holocausto: uma experiência catastrófica da história, ao menos para os judeus e de uma maneira totalmente diferente para os alemães, uma experiência limite da história, o que pode gerar uma negação da lógica histórica, que posiciona o indivíduo a uma história comparativa pois somente quem vive sente (Rusen, 2010, p. 194).

Em outra obra de Jorn Rusen (2011) “Experiência, Interpretação, Orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica”, o autor reitera suas ideias sobre as três dimensões da aprendizagem histórica. Ressaltando que a experiência histórica deve ser interpretada para fornecer orientação aos alunos, sobre como compreender eventos passados em relação ao presente.

Essa abordagem pode enriquecer o ensino de história ao conectar os alunos com suas próprias experiências temporais uma forma complementar de análise, mas que se aprofunda ainda mais em alguns conceitos, Rusen (2011) apresenta uma teoria mais sistemática sobre a ciência histórica, focando na “consciência histórica como um fenômeno humano fundamental”, o que sugere que essa consciência é uma forma de orientação no tempo, que permite aos indivíduos interpretar suas experiências e tomar

decisões informadas sobre o presente e o futuro e como o conhecimento histórico é construído através da interpretação dos dados históricos se relacionando com a prática da história.

A reflexão sobre a experiência, conforme abordada por Jörn Rüsen (2011), destaca a formação da identidade tanto individual quanto coletiva. A experiência é entendida como um processo histórico, onde o sentido é construído ao longo do tempo. A interpretação do passado é mediada pela compreensão do presente e pelas expectativas em relação ao futuro.

Assim, a história se torna uma ciência essencial para a prática de compreender as mudanças temporais. Desde a década de 1990 a neurociência tenta compreender o universo humano com as teorias da aprendizagem histórica, “a consciência humana é relativa ao tempo experimentado para ser significativo, assim há diacronia; um processo longo e a sincronia; analisar o passado recente em seus contextos se configuram entre mudanças e permanências para uma abstração do futuro, a memória entra nessa perspectiva como fator fundamental de união das três dimensões por meio da consciência humana o que resulta na identidade do indivíduo então o aprendizado é um processo dinâmico ao qual a pessoa que aprende é transformada, algo é ganho e adquirido em forma de competência e habilidade” (Rusen 2011, p. 79).

Para Rusen (2011) quanto mais os indivíduos adquirem conhecimento, amplia-se a competência de orientação o futuro se torna um lugar de superação e transformação, todo sujeito nasce na história e compreender essa história é interpretar a vida para sair de um senso comum, com interconexões para agregar o eu e os outros, sendo assim adquirir consciência histórica, se perceber como sujeito da história é fundamental, refletir historicamente e criticar as práticas se as experiências ainda não são suficientes, ou seja, buscar significados numa perspectiva crítica e desconstrucionista permitindo superar os sentidos e significados tradicionais de cultura histórica, criando um padrão de identidade onde o presente não está desconectado do passado.

Sendo assim para se construir uma consciência histórica mais elaborada é preciso sonhar o futuro, interpretar o mundo por meio das suas experiências, se entender no tempo para uma ação de mudança, porém não basta apenas as experiências, mas a atitude mental

analítica e reflexiva, ao qual se introduz o ensino de história, onde “a memória é o elo entre passado, presente e futuro”.

Refletindo numa perspectiva mais filosófica temos Paul Ricoeur (2007), em sua obra *Memória arquivada: espaço, tempo e testemunho*, o autor analisa a relação entre memória e a história, destacando como as memórias individuais e coletivas são arquivadas e interpretadas ao longo do tempo, com isso “a memória não é apenas um registro do passado, mas um espaço habitado que influencia nossa compreensão do presente”.

Ricoeur (2007) vai além no conceito de memória, para ele “não existe história sem memória, onde a memória é a interpretação, interação subjetiva da relação do indivíduo com o tempo e o espaço”, sendo o espaço habitado e o tempo narrado e o testemunho como lembrança numa relação direta com lugar e tempo que pode ser acessada, apesar da memória ser dialética e complexa também é frágil e flexível, mas produz pertencimento por meio das experiências na construção dos significados na formação da identidade individual e coletiva.

Na fase documental o autor explica a origem da escrita na perspectiva da memória arquivada, ou seja, “a representação historiadora parte da explicação, compreensão e interpretação, registrar a história é uma forma de não esquecer o passado e a partir dos registros a escrita se torna história, e a história ressignifica a memória, pensar essa memória arquivada na construção do texto como representação, para compreensão da vida humana”.

De acordo com Ricoeur (2007) “a memória é direta e afetiva” então como é possível ter uma reflexão crítica do passado, surge um abismo entre as percepções causadas pelas distorções da memória, nessa relação entre espaço e tempo é imprescindível a busca por fontes qualificadas, o problema em questão é que os significados são diferentes de acordo com as relações do indivíduo com o mundo e percepções das experiências, as verdades são individuais na construção da identidade coletiva.

O significado do testemunho é uma fonte entre o passado e o presente, onde o tempo é habitado pelo indivíduo, podemos citar um acontecimento histórico como

exemplo do holocausto, na perspectiva dos judeus algo degradante e cruel mas na perspectiva dos alemães nazista algo necessário a sua narrativa, sendo assim a experiência é completamente subjetiva, precisa de uma interpretação de todos os contextos, então o testemunho é fonte de pesquisa para o historiador, que seleciona, analisa e critica de com certa distância de seu objeto para evitar implicações éticas pois está preso ao estatuto da verdade, dividindo o tempo em três dimensões ou seja o tempo do fato, da fonte e o do historiador.

Reinhart Koselleck (1990) no capítulo 14 da obra “Futuro Passado; Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa: Duas categorias históricas”, o autor introduz as categorias "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" para descrever como o passado influencia o presente e como as expectativas futuras moldam nossa compreensão histórica, sua definição de tempo como sendo uma construção cultural propõe uma historicidade própria dos indivíduos.

Koselleck (1990) ao analisar a Batalha de Alexandre observa a transição histórica entre o século XVI e XVIII e dialoga sobre a mudanças na forma de perceber o tempo, quando o homem se reconhece nos centros das ações, na construção de sua própria história, o passado se torna ultrapassado, então é necessário pensar o presente para poder projetar o futuro, o que foi possível com o advento da Revolução Francesa, essa transição tornou o futuro um espaço em aberto, uma forma peculiar de aceleração progressiva do tempo ou seja “o progresso”.

Dessa forma o autor observa uma ruptura no sentido do tempo histórico na modernidade, sendo a modernidade relacionada ao novo, novidade e o passado como velho e antigo, onde o futuro não é mais determinado pela providencia, e sim espaço de possibilidades, a história Magistra Vita perdeu a confiabilidade, mesmo que a história moderna parta de um eurocentrismo, construída nos valores cristãos, trouxe reflexões a respeito das próprias experiências uma transição do conceito de história (s) para uma compreensão do processo um movimento para a formação da consciência histórica.

Com a crescente aceleração do tempo como transformação temporal, quando se pensa o futuro como algo não previsto temos um horizonte de expectativa, desencadeado por espaços de experiências, que são imprevisíveis que por meio de um prognostico

racional as previsões das possibilidades no âmbito dos acontecimentos temporais, prevê um futuro incerto pela expectativa do progresso e a ideia de evolução humana, o que sugere um futuro inédito, sendo assim a história é escrita de uma perspectiva do presente, onde o passado não é luz e não ensina, é necessário compreender as experiências do passado no presente para a expectativa do futuro, nesse sentido não há experiência sem expectativa, o presente é um plano em construção.

TEMPO E TEMPORALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Depois de refletir os conceitos e os principais enfoques e ideias acerca do tempo e temporalidades dos autores e obras aqui já citados, também é necessário pensar as possibilidades das teorias no ensino de história em práticas em sala de aula, para que não sejam apenas teorias vans, mas possam ser aplicadas no cotidiano e nos contextos educacionais, analisamos algumas das principais metodologias ativas que podem ser implementadas no ensino de História.

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS (ABP)

Segundo Bacich e Moran (2018) a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) é uma metodologia que incentiva os alunos a investigar temas históricos específicos, relacionando-os com suas próprias experiências temporais. Por exemplo, “ao estudar a Revolução Industrial, os alunos podem explorar como as mudanças tecnológicas impactaram suas vidas atualmente”. Essa abordagem não apenas estimula a pesquisa e a análise crítica, mas também promove a conexão entre o passado e o presente, tornando o aprendizado mais relevante.

ESTUDOS DE CASO

Para Moura, Pereira e Souza (2020), os estudos de caso como metodologia que permite aos alunos analisar eventos históricos em diferentes temporalidades — passado, presente e futuro. Ao apresentar casos históricos que refletem essas dimensões, os alunos

podem discutir como eventos do passado influenciam o contexto atual e suas expectativas para o futuro. Essa prática ajuda a desenvolver um pensamento crítico e contextualizado sobre a história.

USO DE FONTES DIVERSIFICADAS

De acordo com Fachin (2022), incorporar fontes diversificadas, como documentos, imagens, vídeos e testemunhos orais, enriquece o processo de ensino-aprendizagem. A análise crítica dessas fontes permite que os alunos desenvolvam habilidades interpretativas e comparativas. Além disso, incentivar a coleta de histórias orais de familiares ou membros da comunidade promove uma conexão entre a história pessoal e a coletiva, tornando o aprendizado mais significativo.

DISCUSSÕES INTERCULTURAIS

Santos e Cainelli (2019), propõe debates e rodas de conversa sobre como diferentes culturas percebem o tempo e a história são essenciais para entender a multiplicidade das experiências históricas. Utilizando conceitos de François Hartog sobre regimes de historicidade, essas discussões ajudam os alunos a reconhecerem as diversas perspectivas que moldam as narrativas históricas.

REFLEXÃO CRÍTICA

Para Rusen (2011) A reflexão crítica é uma parte fundamental do ensino de História. Pedir aos alunos que mantenham diários reflexivos onde registrem suas aprendizagens históricas e sua relação com suas vidas atuais é uma prática inspirada nas ideias de Jörn Rusen sobre consciência histórica. Além disso, estimular a análise de narrativas históricas ajuda os alunos a entenderem como diferentes interpretações moldam nossa compreensão do passado e do presente.

INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA

Segundo Almeida e Almeida (2021), a tecnologia pode ser uma aliada poderosa no ensino de História quando usada pedagogicamente. Utilizar recursos digitais para criar timelines interativas conecta eventos históricos com suas repercussões atuais, permitindo uma visualização clara das relações temporais. Simulações históricas também podem ser criadas para permitir que os alunos experimentem decisões históricas em um ambiente controlado, refletindo sobre as consequências dessas decisões ao longo do tempo.

Nessa perspectiva podemos utilizar algumas metodologias ativas e as teorias analisadas no ensino de História, o que torna as aulas mais dinâmicas, envolventes significativas.

Bosi (1994), discute a complexidade do tempo na historiografia, com ênfase na narrativa e na interpretação literária da história, assim propõe que a história deve ser abordada não apenas como um registro cronológico, mas como uma interpretação que envolve a relação entre passado, presente e futuro, podemos sugerir como prática metodológica.

NARRATIVAS HISTÓRICAS E INTERPRETAÇÃO POR (CARDOSO E SILVA, 2001)

-Atividade: Os alunos podem ser convidados a criar uma narrativa histórica sobre um evento significativo, utilizando diferentes fontes (textos, imagens, vídeos). Após a pesquisa, eles devem apresentar suas narrativas em forma de um pequeno documentário ou uma apresentação oral.

-Objetivo: Essa atividade permite que os alunos interpretem o tempo histórico de forma criativa, entendendo como diferentes narrativas podem coexistir e como o tempo é uma construção social. Essa perspectiva é fundamental para o ensino de História, pois ajuda os alunos a compreenderem a continuidade e as rupturas nas narrativas históricas.

Prost (2008), explora os "tempos da história", com ênfase na articulação entre diferentes dimensões temporais (social, político) na educação histórica, no ensino de História deve envolver uma análise crítica das experiências históricas, permitindo aos

alunos entender como essas experiências moldam suas percepções do passado e do presente, podemos sugerir como prática metodológica.

ANÁLISE DE TEMPORALIDADES POR (TEIXEIRA ET AL, 2014)

- Atividade: Dividir os alunos em grupos e atribuir a cada grupo um período histórico diferente. Eles devem investigar como as temporalidades (social, política e econômica) se manifestaram nesse período e apresentar suas descobertas.

- Objetivo: Essa metodologia ajuda os alunos a perceberem que a história não é linear e que diferentes dimensões do tempo influenciam os eventos históricos.

Hartog (2003), introduz os conceitos de "tempo desorientado" e "regimes de historicidade" Com ênfase a crítica à historicidade contemporânea e a necessidade de novas narrativas para entender o presente, no ensino de História, isso implica a necessidade de novas formas de narrar e interpretar o passado que considerem as incertezas contemporâneas, podemos sugerir como prática metodológica.

DEBATE SOBRE O TEMPO DESORIENTADO POR (TEIXEIRA ET AL, 2014)

- Atividade: Promover um debate em sala de aula sobre como as incertezas contemporâneas influenciam a percepção do passado. Os alunos podem trazer exemplos atuais que refletem essa desorientação temporal.

- Objetivo: Essa atividade estimula a reflexão crítica sobre como as narrativas históricas precisam se adaptar às realidades contemporâneas

Rusen (2011), enfatiza a importância da meta-história e da consciência histórica no ensino de História, sendo assim a aprendizagem histórica deve incluir a reflexão sobre as narrativas e interpretações do passado, permitindo aos alunos desenvolver uma compreensão crítica das dinâmicas temporais, com a ênfase nas dimensões da aprendizagem histórica (experiência, interpretação, orientação). Podemos sugerir como prática metodológica.

DIÁRIOS REFLEXIVOS POR (FACHIN, 2022)

- Atividade: Os alunos devem manter um diário reflexivo ao longo do semestre, onde registram suas aprendizagens sobre eventos históricos e como esses eventos se relacionam com suas vidas pessoais.

- Objetivo: Essa prática promove a meta-história, permitindo que os alunos desenvolvam uma consciência histórica crítica ao relacionar suas experiências com o passado.

Ricoeur (2007), analisa a relação entre memória e história, com ênfase na importância da memória individual e coletiva no entendimento histórico. Para o ensino de História, isso sugere que os alunos devem ser incentivados a explorar suas próprias memórias e experiências ao aprender sobre eventos históricos, podemos sugerir como prática metodológica.

HISTÓRIAS ORAIS POR (CAMPOS, 2010)

- Atividade: Incentivar os alunos a entrevistar familiares ou membros da comunidade sobre eventos históricos que impactaram suas vidas. Os relatos podem ser apresentados em forma de texto ou vídeo.

- Objetivo: Essa metodologia valoriza a memória coletiva e individual, ajudando os alunos a entenderem como as experiências pessoais se entrelaçam com a história.

Koselleck (1990) introduz as categorias "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa", com ênfase na análise das dinâmicas temporais através dessas categorias conceituais, no ensino de História, essas categorias podem ser utilizadas para ajudar os alunos a relacionar suas experiências pessoais com as narrativas históricas, podemos sugerir como prática metodológica.

CRIAÇÃO DE TIMELINES INTERATIVAS POR (GENIALLY, 2024)

- Atividade: Utilizar ferramentas digitais para criar timelines interativas que conectem eventos históricos com suas repercussões atuais. Os alunos podem incluir imagens, documentos e reflexões pessoais.

- Objetivo: Essa atividade ajuda os alunos a visualizar as relações temporais entre passado, presente e futuro, utilizando as categorias de "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa".

Essas propostas metodológicas não são inéditas e muitas já devem ser utilizadas em sala aula, mas foram propostas pensadas de forma simples e possível a serem realizadas, numa perspectiva de integrar as teorias dos autores citados e colaborar com as práticas no ensino de História, promovendo aprendizagens significativas que conectam o passado às experiências dos estudantes no presente.

CONCLUSÃO

Muitos estudantes ainda compreendem o tempo de forma linear e cronológica, aquela da aprendizagem tradicional que alguns professores de história tentam desconstruir, pois, o ensino deve ir além da memorização de datas por meio da transformação de perspectiva e de sua relação com o mundo, para ajudar os estudantes a entenderem as dinâmicas temporais mais amplas uma nova didática da história deve ser repensada, elaborada e colocada em prática.

Embora todos os autores reconheçam a centralidade do tempo e as temporalidades no ensino de História, há grandes variações em termos de foco teórico (filosófico, crítico, empírico) e metodológico (narrativa, análise crítica, pesquisa prática), que enriquecem o campo do ensino de História ao oferecer novas possibilidades sobre como abordar o conceito de tempo com os estudantes, o professor de história pode transformar suas aulas, fugindo dos métodos tradicionais, fazendo com os estudantes se interessem pelo ensino, que faça sentido a sua realidade, por meio de diversas metodologias ativas e práticas propostas, para que possam construir novas experiências e trocas nas dinâmicas abordadas com autonomia e consciência e o mais importante de forma crítica e reflexiva.

Assim, a função social do professor de História vai além de ensinar datas e eventos; trata-se de elevar uma consciência crítica nos estudantes para destacar a importância da construção histórica e incentivar a reflexão sobre as narrativas que moldam nosso entendimento do passado, o professor orienta os estudantes a conectar suas experiências com a história e essa conexão é vital para que compreendam não apenas o que aconteceu, mas também como esses eventos influenciam o presente e seu papel na sociedade, então ao promover um ensino que valoriza diversas perspectivas históricas.

O professor-historiador estimula os alunos a questionar, refletir ativamente com os desafios contemporâneos, ao assumir essa responsabilidade, o professor de História não apenas enriquece o aprendizado dos estudantes, mas também os prepara para serem cidadãos conscientes e ativo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tadeu Moura de; ALMEIDA, Paulo Tarcísio Moura de. Desafios de ensinar História nas aulas remotas emergenciais: invertendo as aulas como possibilidade de aprendizagem ativa. In: **Novas experiências e saberes escolares**. CCTA, 2021.
- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: _____. **História e escrita da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 19-32.
- CARDOSO, A. Narrativa histórica e suas dimensões. In: **História e ensino: reflexões sobre práticas pedagógicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- FACHIN, Tânia. **Aproximações entre as metodologias ativas e as teorias da aprendizagem**. Pesquisa e Debate em Educação, v. 12, n. 1, p. 1–16, 2022.
- GEMIGNANI, Andréa. **O uso de metodologias ativas no ensino de História**. Revista Perquirere, v. 20, n. 3, p. 104-112, 2023. Disponível em: <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/download/3083/760/8514>>. Acesso em: [23-11-2024].
- HARTOG, François. **Ordens do tempo, regimes de historicidade**. In: _____. História e temporalidade. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2003. p. 23.
- HARTOG, François. **Tempo desorientado**. Revista de História, v. 148, n. 1, p. 9-34, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Espaço de experiência e horizonte de expectativa:** duas categorias históricas. In: _____. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1990. p. 305-329.

MOURA, T.; PEREIRA, R.; SOUZA, J. **Metodologias ativas para o ensino de História:** uma análise das práticas pedagógicas contemporâneas. In: Anais do CONEDU, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA3_ID4945_05082020105956.pdf>. Acesso em: [24-11-2024].

PAIVA et al.- PAIVA, L.; et al. **O uso de metodologias ativas no ensino de História:** possibilidades e desafios. Revista Perquirere, v. 20, n. 3, p. 146-151, 2023.

PROST, Antoine. **Os tempos da História.** In: _____. Doze lições sobre a história. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 94-113.

RICOEUR, Paul. **Memória arquivada:** espaço habitado, tempo histórico e testemunho. In: _____. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 38.

RUSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado:** questões relevantes de meta-história. In: _____. Teoria da História. São Paulo: Editora Unesp, 2010. P. 47.

RUSEN, Jörn. **Experiência, interpretação, orientação:** as três dimensões da aprendizagem histórica. In: _____. História e educação. Porto Alegre: PUC-RS, 2011. p.79 -92.

SANTOS, Flávio Batista; CAINELLI, Marlene Rosa. **Educação histórica e temporalidade:** campo e categoria do ensino e aprendizagem em História. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v .19, p .1 -16, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/8654355/21036/56178>>. Acesso em: [23-11-2024].

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; BENETTI, Viviana. **Metodologias ativas no ensino de história:** aprendendo e ensinando a partir da pesquisa. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2021.

TEIXEIRA, Felipe Charbel; RODRIGUE, Henrique Estrada; CALDAS, Pedro Spinola Pereira; TURIN, Rodrigo. **Metodologia da Pesquisa Histórica.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014. Disponível em: <<https://canal.cecierj.edu.br/012016/d52c9e6523788d91b65aac212a122404.pdf>>. Acesso em: [24-11-2024].

Submissão: julho de 2026. Aceite: agosto de 2026. Publicação: outubro de 2026.